

A MÚSICA NA DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR: UMA MATRIZ PEDAGÓGICA INTERDISCIPLINAR

Rose Mary Plácido dos Santos Ferreira¹

RESUMO: A música é de grande importância dentro de uma cultura. Por sua capacidade de refletir e retratar as ideias e anseios da sociedade permite-nos entrar em contato com diferentes culturas e contextos históricos que podem contribuir para a nossa formação como cidadão crítico. Além de permitir a afirmação dos direitos, a música como recurso pedagógico pode contribuir na preparação de cidadãos e cidadãs conscientes do seu papel social na luta contra as desigualdades e injustiças. Foi com base nesses princípios que este trabalho foi realizado. A pesquisa foi feita tendo como principal objetivo coletar e apresentar algumas possibilidades de utilização da música como recurso auxiliar na prática da interdisciplinaridade na docência do Ensino Superior. A ideia é valorizar um paradigma educacional que reconhece a construção do conhecimento e a interpretação do mundo através da música. Pretende-se com o resultado deste Trabalho promover um ouvir e olhar o texto musical como uma possibilidade de um objeto de pesquisa coletiva que envolve diversas áreas do conhecimento, o que confere à música características de uma matriz pedagógica interdisciplinar, por promover a troca de experiências nas várias áreas do saber.

Palavras-chave: Música. Interdisciplinaridade. Docência do Ensino Superior.

‘Que a arte nos aponte uma resposta, mesmo que ela não saiba,
e que ninguém a tente complicar porque é preciso simplicidade
para fazê-la florescer’ (Oswaldo Montenegro).

INTRODUÇÃO

A interdisciplinaridade sugere um diálogo entre formas e áreas do conhecimento, é uma maneira de estabelecer relação e diálogo entre as disciplinas. Quando posta em prática, proporciona aos estudantes uma aprendizagem simultânea dos saberes comuns a várias disciplinas. Neste sentido, a interdisciplinaridade reordena conhecimentos diversos, viabiliza a construção de um conhecimento novo.

A troca de experiências nas várias áreas do saber resulta numa formação integrada do estudante com mais conexões e conhecimentos, sendo o grande desafio da interdisciplinaridade, exatamente a transformação desses conhecimentos. A proposta interdisciplinar na educação visa à cooperação entre as disciplinas, com o intuito de formar, não só o profissional, do ponto de vista técnico, como o cidadão, pois viabiliza a busca da

¹ Graduada em Letras pela UCSAL. Pós-Graduada em Docência do Ensino Superior – FCS/BA. E-mail: beyplacido@yahoo.com.br

compreensão mútua entre os seres humanos, independentemente de suas semelhanças ou diferenças, imprescindível para que as relações humanas saiam de seu estado de incompreensão.

Segundo Albano (2014, p. 2), a interdisciplinaridade surge em uma sociedade complexa, que precisa resolver de forma satisfatória as exigências sociais, políticas e econômicas, que se constituem em forças não científicas e transcendem a própria neutralidade científica, atuando em um mundo eminentemente técnico e dinâmico com o compromisso de promover uma remodelação social.

Dentre as vertentes contempladas pela interdisciplinaridade, sempre buscando o desenvolvimento integral do ser humano, uma delas dirige-se para o professor introjetado na sua pessoa e no seu agir. Ela visa construir uma metodologia de trabalho educacional que se apoia na análise introspectiva da própria docência e das práticas de ensino, de maneira a permitir o ressurgimento de aspectos do ensino e da docência ainda desconhecidos. Na contemporaneidade é importante contarmos com um ser humano inclinado a analisar suas experiências e a maneira como essas experiências se apresentam no cotidiano escolar, daí sua aproximação com a fenomenologia.

Essa aproximação fenomenológica coloca a crença na intencionalidade, na necessidade do autoconhecimento, na intersubjetividade e no diálogo institucional. É uma concepção que se concentra no ser humano que ensina. Nesse sentido, o projeto de pesquisa que culminou no presente trabalho teve como principal objetivo buscar meios para contribuir com a formação de docentes/discentes do Ensino Superior visando à prática da interdisciplinaridade através da utilização de textos musicais.

O trabalho foi pautado na ideia de que a música apresenta influências e características de movimentos literários, processos históricos e filosóficos em todas as épocas. Daí ser um campo que sempre nos fornecerá novas ideias e percepções acerca do mundo e suas transformações. Parte-se do princípio de que a música é uma área do conhecimento humano que possui um campo prático e por esse motivo pressupõe a construção de um campo teórico específico, de fundamental importância no processo de formação do cidadão.

Sabendo-se que o compositor é um ser social que participa das questões existenciais como um todo, ou seja: política, social, ambiental, filosófica e histórica, a música se configura como um depoimento vivo do seu tempo, suas experiências e percepções em todas as áreas do conhecimento, visto que há entre os compositores, advogados, engenheiros, professores,

escritores, enfim, profissionais de todas as áreas do conhecimento. Por essa razão, tem-se que a produção musical pode ser compreendida como uma matriz pedagógica para a prática da interdisciplinaridade. Com base nessa concepção, a proposta do trabalho é apresentar alguns possíveis usos de textos musicais na prática interdisciplinar, entendido aqui como um recurso didático que possibilita a capacidade de argumentação para promover a aproximação entre áreas diversas do conhecimento.

Assim, o texto foi dividido nas seguintes seções: “Fundamentação teórica”, que explicita a base científica utilizada ao longo do texto para análise das músicas; em seguida, “Algumas sugestões de utilização da música para a prática da interdisciplinaridade em variadas áreas do conhecimento”, focando em possibilidades de se trabalhar a música em diálogo entre áreas diferentes do conhecimento, tais como Filosofia, Metodologia Científica e Biologia, áreas do conhecimento abordadas na perspectiva interdisciplinar a partir da análise da música de Ana Carolina, “É isso Aí”. História, Relações Internacionais, Comunicação, Língua Inglesa e Portuguesa, com a utilização das composições “Imagine”, de John Lenon, e “Canção do novo mundo”, de Beto Guedes e “Rosa de Hiroshima”, de Vinicius de Moraes. Língua Portuguesa, Ambientalismo e Filosofia, com a música “o que sobrou do céu”, da banda carioca, “O Rappa”.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para imprimir cientificidade ao estudo e às explicações acerca das músicas escolhidas, a pesquisa teve respaldo no pensamento do filósofo e sociólogo francês Edgard Morin (2001). Este argumenta que a cultura científica e técnica, por causa de sua característica disciplinar e especializada, separam e compartimentam os saberes, tornando cada vez mais difícil o diálogo entre profissionais de áreas distintas. “É preciso quebrar a rigidez existente entre as disciplinas e assim atingir a interdisciplinaridade” (MORIN, 2007, p. 12).

Na obra ‘*Os sete saberes necessários à Educação do futuro*’ (2001), Edgard Morin apresenta em capítulos os princípios do conhecimento pertinente: “ensinar a condição humana”, “ensinar a identidade terrena”, “ensinar a compreensão” e “a ética do gênero humano”. Com isso, nos faz compreender que é preciso ensinar métodos que permitam

estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo.

Segundo o filósofo, deveríamos ser animados por um princípio de pensamento que nos permitisse ligar as coisas que nos parecem separadas umas em relação às outras, é preciso mobilizar o todo. Por mais aleatório e difícil que seja o conhecimento dos problemas essenciais do mundo deve ser tentado para evitar a imbecilidade cognitiva (MORIN, 2001, p. 12). O contexto, hoje, de todo conhecimento político, econômico, antropológico, ecológico, etc, é o próprio mundo, como orienta a música “We Are The World”², em português: “Nós somos o Mundo”, uma canção composta por Michael Jackson e Lionel Richie, gravada em janeiro de 1985, por 45 dos maiores nomes da música norte-americana, no projeto conhecido como “USA for África”.

A música tinha como objetivo arrecadar fundos para o combate à fome no continente africano. Ao traduzirmos a primeira estrofe, temos a declaração dos USA para a África e para o Mundo: “estamos salvando nossas próprias vidas”. Temos assim, na letra da música, a afirmação de que “nós somos o mundo”. Daí, entendemos que há uma integração, uma forma de enxergar o mundo como a morada de todos os homens, portanto, de responsabilidade de todos os habitantes de uma mesma Pátria chamada Terra.

We are the world, we are the children
We are the ones who make a brighter day
So let's start giving
There's a choice we're making
We're saving our own lives

Ao assistirmos o vídeo da música “We Are The World”, percebemos que a música conduz certas emoções de forma consistente: o sentimento ao ouvirmos a canção é bastante similar ao que todas as outras pessoas na mesma sala sentem por estarem envolvidas.

Na concepção de Reboul (2000), a música é um conhecimento transformador dos indivíduos, capaz de modificar as pessoas. Transformar os indivíduos é uma ação que se ajusta ao proposto pela educação de maneira ampla. Implica, entre outras faculdades, em conduzir os seres de um estado de menos educado para mais educado, o processo característico de qualquer aprendizagem, a qual é universal para a natureza humana, pois

2 Link do vídeo do projeto “USA for África”, com a música “We Are The World”:
<http://youtu.be/Zi0RpNSELas>

todos podemos aprender. E a longo prazo, parafraseando Louis Armstrong, na canção “What a wonderful world”, composta em 1967, “They'll learn much more, than I'll never know, And I think to myself, What a wonderful world”. Em português: “eles aprenderão muito mais que eu jamais saberei, e eu penso comigo mesmo, que mundo maravilhoso”.

A explanação do resultado da pesquisa tem como foco fazer perceber a importância da música como mediação pedagógica, que atravessa as fronteiras do conhecimento das disciplinas curriculares e reforça a atividade interdisciplinar integrada a outros objetivos da educação, como a formação da cidadania. Não se buscou aqui privilegiar nenhum gênero musical, e sim discutir as várias possibilidades de utilização da música como recurso auxiliar na transposição didática, como objeto de pesquisa, mas acima de tudo, como um grande recurso para a prática da interdisciplinaridade.

ALGUMAS SUGESTÕES DE UTILIZAÇÃO DA MÚSICA PARA A PRÁTICA DA INTERDISCIPLINARIDADE EM VARIADAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

Música, Filosofia, Metodologia Científica e Biologia

A apresentação tem seu início com a explicação sobre o método científico que norteou esta pesquisa: o fenomenológico. Para isso foi utilizada a versão em português da música “The Blower’s Daughter”, de Damien Rice, escrita por Ana Carolina: “É isso aí”³.

A Fenomenologia representou uma reação à pretensão dos cientistas de eliminar a metafísica, é o estudo da consciência e dos objetos da consciência. Na época em que foi criada a fenomenologia, pelo matemático e filósofo alemão, Edmund Husserl, havia uma supervalorização do mundo objetivo (científico). Husserl acreditava que era preciso uma teoria do conhecimento, uma elucidação do conhecer. A Fenomenologia de Husserl é uma forma de idealismo, porque lida com objetos ideais, com as ideias das coisas em sua essência: (do grego phainesthai, aquilo que se apresenta ou que se mostra, e logos, explicação, estudo) afirma a importância dos fenômenos da consciência os quais devem ser estudados em si mesmos. “A consciência funda sentido como compreensão de algo que é (sentido de ser) através de sua orientação intencional para encher o vazio” (ZILLES, 2007, p. 218). Em suma, "epoche" é colocar entre parênteses a atitude natural de modo que a pessoa possa abordar o

3

Link do vídeo com a música “É isso aí”: <http://youtu.be/3rn2N0ZbLEQ>

fenômeno do modo como ele se apresenta. Uma vez que a atitude natural é colocada entre parênteses a pessoa pode abordar o que, de acordo com Husserl, são os dois polos da experiência: **noesis** e **noema**. Noesis é o ato de perceber, enquanto noema é aquilo que é percebido.

Através desse método, para Husserl, a pessoa pode perfazer uma "redução eidética", ou seja, redução da ideia, os noemas podem ser reduzidos à sua forma essencial ou "essência", que será sua garantia de verdade. Assim, a investigação se ocupa apenas das operações realizadas pela consciência. Para isso, é necessário que se faça uma redução fenomenológica ou *Epoché*, isto é, coloque-se entre parênteses toda a existência efetiva do mundo exterior, como no exemplo que se segue na música de Ana Carolina:

É isso aí
Como a gente achou que ia ser [como sempre foi e sempre será]
A vida tão simples é boa [nascer, crescer, se reproduzir e morrer]
Quase sempre
Os passos vão pelas ruas [avós, filhos, netos; negros, brancos, índios]
Ninguém reparou na lua [nova, crescente, cheia, minguante, nova...]
A vida sempre continua [todas as formas de vida continuam a existir]
E eu não vou parar de te olhar [para que tenhas os mesmos direitos]
Eu não me canso de olhar [a lua se apresenta de várias formas, nunca é igual, como a gente]

A Fenomenologia, ao envolver o estudo de todas as vivências, tem que englobar o estudo dos objetos das vivências porque as vivências são intencionais e é nelas essencial a referência a um objeto. A consciência é caracterizada pela intencionalidade, porque ela é sempre a consciência de alguma coisa. Essa intencionalidade é a essência da consciência que é representada pelo significado, o nome pelo qual a consciência se dirige a cada objeto.

Há quem acredite em milagres [unidade racial]
Há quem cometa maldades [racismo, preconceito, discriminação]
Há quem não saiba dizer a verdade [a lei dos homens viola a lei da Natureza]

Não importa para a Fenomenologia como os sentidos são afetados pelo mundo real. Husserl distingue entre percepção e intuição. A intuição eidética, ou intuição da ideia, da essência, consiste na análise do noema para encontrar sua essência. Ela é o dar-se conta da essência, do significado do que foi percebido.

De comum, o homem forma uma multiplicidade de variações do que é dado, imprime vários significados a um dado. Porém, enquanto mantém a multiplicidade, o homem pode focalizar sua atenção naquilo que permanece imutável na multiplicidade, a essência. Esse algo idêntico, que continuamente se mantém durante o processo de variação, é o que Husserl chamou de "o Invariante".

Além do método fenomenológico, a música “É isso aí” possibilita ainda ao docente trabalhar o Empirismo e as reflexões sobre os sistemas categoriais de Aristóteles: unidade e diversidade.

Um vendedor de flores ensinar seus filhos
A escolher seus amores [pela cor]
Eu não me canso de olhar [as flores podem ser masculinas, femininas ou
hermafroditas, podem ter várias formas e cores, como a gente]

Do ponto de vista da Biologia, é possível trabalhar a anatomia do aparelho reprodutor dos vegetais: a flor; sua simetria e os verticilos reprodutores e correlacionar com a diversidade humana. Um momento em que o docente poderá discutir com os estudantes o exame das “configurações de mundo”, que podem ser utilizadas para legitimar instituições sociais repressivas, fazendo-os compreender que estas não são fenômenos naturais, respondem a interesses específicos, históricos (GUARESCHI, 2001), como por exemplo, o conceito do belo.

O sociólogo e filósofo Edgar Morin (1999), ao falar sobre a necessidade de um pensamento complexo, argumenta que o nosso sistema educativo privilegia a separação em vez de praticar a ligação. A organização do conhecimento sob a forma de disciplinas seria útil se estas não estivessem fechadas em si mesmas, compartimentadas umas em relação às outras; assim, o conhecimento de um conjunto global, o homem, é um conhecimento parcelado. Se quisermos conhecer o espírito humano, podemos fazê-lo através das ciências humanas, como a Psicologia, mas o outro aspecto do espírito humano, o cérebro, órgão biológico, será estudado pela Biologia. Vivemos numa realidade multidimensional, simultaneamente econômica, psicológica, mitológica, sociológica, mas estudamos estas dimensões separadamente, e não umas em relação com as outras.

Com base na crítica de Morin em relação ao nosso sistema educacional, podemos dizer que a música de Ana Carolina, “É isso aí”, apresenta características de um recurso didático para aproximar áreas diversas do conhecimento, a dimensão humana espiritual e

física, além de desenvolver competência de leitura e produção de textos, analisar os sentidos e significados, trabalhar coesão e coerência textuais, que advêm justamente de uma aparente incoerência que se desfaz, quando se completam as lacunas com informações implícitas. Desta forma, o docente desenvolve habilidades e atitudes favoráveis que levam os docentes/discentes a transformações contínuas no seu crescimento pessoal, profissional e social.

Música, História, Geografia, Relações Internacionais, Comunicação, Língua Inglesa e Português, Física

A canção "Imagine"⁴, escrita pelo músico inglês John Lennon, foi gravada e lançada em 1971. "Para melhor compreensão da proposta de estudo acerca de 'Imagine', é preciso levar em conta o contexto de Lennon na época: começando uma nova vida nos EUA, onde conheceu muitos ativistas, assistia muitas guerras ao redor do mundo. Foi o primeiro "rock star" a conversar com um chefe de estado. Sua obra imortal é um hino à fé do homem num mundo melhor, uma mensagem entendida por todos: a canção "Imagine".

Esta música, que se tornaria um hino pela paz, confronta as três das mais decisivas questões da humanidade: religião, nacionalismo e capitalismo. E nos convida a encarar essas questões de forma neutra, imaginando que não houvesse posses, religião, países, céu e inferno. Dessa forma, o conteúdo da letra nos remete ao pensamento do Filósofo Frances Edgard Morin (1999) acerca da importância de se ensinar a "identidade terrena", o planeta Terra como a Pátria da humanidade.

A letra de "Imagine" foi inspirada em um desejo do *Beatle* de ver um mundo em paz. Lennon disse uma vez que "Imagine" era "o Manifesto Comunista em sua mais pura essência". John Lennon descreve a canção como sendo antirreligiosa, antinacionalista, anticonvencional e anticapitalista. Vejamos a tradução de uma estrofe da letra.

Imagine que não houvesse nenhum país
Não é difícil imaginar
Nenhum motivo para matar ou morrer
E nem religião, também
Imagine que não ha posses

4

Link do vídeo com a música "Imagine": <http://youtu.be/bBW8g64Vzf8>

Nenhum motivo pra matar ou morrer
Imagine todas as pessoas
Vivendo a vida em paz

A composição do *Beatle* John Lennon é de grande valia para a Educação, principalmente em relação ao contexto histórico da sua época de produção, em especial às guerras, como é o caso do Vietnã.

As Relações internacionais visam ao estudo das relações políticas, econômicas e sociais entre diferentes países. O estudo envolvendo a canção “Imagine” permite provocar discussões sobre o surgimento do Estado preocupado com o bem-estar da sociedade, após a Segunda Guerra Mundial, quando começaram a ser desenvolvidas ideias de ajuda econômica e social aos países devastados pela guerra, e o papel das Organizações Não-Governamentais (ONG) em relação às vítimas da guerra, em especial as crianças.

No que diz respeito ao curso de Comunicação, temos em “Imagine” um forte recurso para que se possa trabalhar a música não somente como o reflexo de uma cultura, ou de um tipo de relações sociais imperantes numa sociedade, mas como um fenômeno mais básico e universal de influência recíproca. O docente tem na música um recurso para exemplificar o processo da comunicação humana. Para isto, pode utilizar a música, por exemplo, “Canção do Novo Mundo”, de Beto Guedes e Ronaldo Bastos, que é uma resposta a “Imagine”, e assim exemplificar o processo da comunicação humana, a comunhão entre os interlocutores independentemente do idioma de origem de cada composição musical.

Segundo Bordenave (1983), o primeiro passo da comunicação é a percepção: um fenômeno de informação sobre o meio ambiente. A troca de mensagens entre duas pessoas, *A* e *B*, com seus correspondentes processos de percepção, decodificação, interpretação, tem como resultado a formação de novos significados, já compartilhados parcialmente com a outra pessoa, que podem ser modificados, ou não, segundo vários fatores. Se *A* aceita as propostas que as mensagens de *B* lhe trazem, modifica pelo menos parcialmente seus significados; *B* faz a mesma coisa e se inicia assim um processo de convergência de significados entre *A* e *B*. Isto é um começo rudimentar de comunicação, a posse de algo em comum. Imediatamente ocorre uma aproximação emocional que permite a aceitação do outro e a continuação do diálogo que acaba resultando num comunhão (comum-união) que pode dar origem a um sentimento de amizade. Vejamos, então, como acontece essa comunhão entre Beto Guedes e John Lennon através da música.

Na canção “Imagine”, após sugerir que o ouvinte imagine o mundo numa perspectiva antirreligiosa, antinacionalista, anticonvencional e anticapitalista, Lennon conclui:

Imagine todas as pessoas partilhando todo o mundo
Você pode dizer que *eu sou um sonhador*
Mas eu não sou o único
Espero que um dia você *junte-se a nós*
E o mundo viverá como um só

Temos na mensagem de John Lennon um convite a pensarmos esse mundo por ele idealizado, fundamentado na paz. Além disso, Lennon deixa registrado na sua canção a esperança de que um dia todas as pessoas se unam nesse mesmo sonho. Ao utilizar a expressão “junte-se a nós”, sendo ele um inglês, Lennon assume uma posição de porta-voz de todos os outros. Enfim, fala em nome de uma nação, em nome da Inglaterra, país onde predomina a religião protestante e de grande força capitalista.

Na música “Canção do Novo Mundo”⁵, Beto Guedes dialoga com John Lennon: “Quem sonhou só vale se já sonhou demais”, faz considerações acerca da importância da vida e obra de Lennon para a humanidade: “Vertente de muitas gerações, gravado em nossos corações, um nome se escreve fundo”, reconhece a função da sua obra musical e afirma perceber que as pessoas seguirão o que por ele foi sugerido em relação à construção de um novo mundo:

As canções em nossa memória vão ficar
Profundas raízes vão crescer
A luz das pessoas me faz crer
E eu sinto que *vamos juntos*

Beto Guedes segue o diálogo com Lennon chamando-o de *amigo* para dizer-lhe que “nem o tempo, nem a força bruta pode um sonho acabar”. O termo “força bruta” é empregado para fazer referência ao assassinato de John Lennon, cometido por alguém que, na visão de Beto Guedes, “perdeu o trem da História por querer, saiu do júízo sem saber, foi mais um covarde a se esconder diante de um novo mundo”.

O texto original pode ser utilizado pelo professor de Língua Inglesa, que, por exemplo, poderá orientar o estudante na tradução. A partir daí, o texto pode ser explorado para

5 Link do vídeo com a música “Canção do Novo Mundo”: <http://youtu.be/T13xccI211M>

o trabalho com a Língua Portuguesa, sua estrutura e o funcionamento do ponto de vista da nomenclatura gramatical.

Em determinado momento, percebe-se que há um sentimento de desorientação em relação ao ato criminoso praticado por alguém que se dizia fã do *Beatle* e acabou por tirar-lhe a vida, covardemente. Beto Guedes provoca reflexão.

Quem souber dizer a exata explicação
Me diz como pode acontecer
Um simples canalha mata um rei
Em menos de um segundo

O pronome de tratamento “rei”, utilizado para fazer referência a John Lennon, confere poder ao *Beatle*. Com base nessa concepção de poder que lhe é conferido, Beto Guedes questiona John Lennon: “oh, minha estrela amiga, *porque você não fez a bala parar*”?

Talvez a resposta para a pergunta de Beto Guedes se encontre na canção “Clube da Esquina”⁶, do compositor Milton Nascimento, interpretada por Flávio Venturine, pois no dizer dele mesmo, “de tudo se faz canção”:

Porque se chamava homem
Também se chamava sonhos
E sonhos não envelhecem

Assim, a utilização dos textos musicais deve servir para o professor não só sensibilizar os docentes/discentes quanto à existência desse recurso, como também utilizar um modo mais criativo de verificar a capacidade dos estudantes de relacionarem textos, incentivando as inter-relações entre elementos e áreas do conhecimento.

Se pensarmos a canção “Imagine” na perspectiva da Biologia, temos que o docente poderá fazer uma abordagem acerca das consequências sofridas pelo meio ambiente com o impacto das guerras, “Imagine all the people living life in peace”.

Para fundamentar a discussão e fazer reflexões sobre as guerras envolvendo a disciplina de História, o docente poderá utilizar a música “Rosa de Hiroshima, de Vinicius de Moraes, pois o autor enfatiza os efeitos nocivos dos bombardeamentos atômicos das cidades de Hiroshima e Nagasaki realizados pelos Estados Unidos.

6 Link do vídeo com a música “Clube da Esquina”: <http://youtu.be/4RWMzcRgYsc>

“Rosa de Hiroshima”⁷ é um registro histórico, do ponto de vista do autor, acerca dos danos causados à humanidade com o evento da Segunda Guerra Mundial, um cenário de imensas atrocidades ordenadas por líderes militares e governamentais de ambos os lados em conflito. A canção é um grito pacifista e antinuclear, lançada em plena ditadura no Brasil.

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas

Vinicius de Moraes pontua as consequências das bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki que foram além da destruição de lugares e pessoas, atingindo a área da genética, “a rosa com cirrose”. Os efeitos causados fez com que os seus sobreviventes transmitissem as lesões para as próximas gerações. Até hoje, crianças nascem com problemas genéticos causados pela radiação das bombas.

Mas só não se esqueça da rosa
Da rosa de Hiroshima, rosa hereditária
A rosa radioativa, estúpida e inválida

Nesse momento, Vinicius de Moraes parece retomar o discurso de Albert Einstein para, talvez ironizar, - recurso da paródia-, ou coloca-lo como objeto de estudo da sua própria teoria acerca da certeza da estupidez humana. Disse Einstein: “Existem apenas duas coisas infinitas: o Universo e a estupidez humana. E não tenho tanta certeza quanto ao Universo”.

É possível que o nosso poeta, Vinicius de Moraes, tenha colocado em pauta uma discussão que perdura até os dias atuais, a responsabilidade, ou não, de Einstein na tragédia em Hiroshima e Nagasaki.

Hoje, apesar da existência do Tratado de Não proliferação Nuclear, assinado em 1961, vários países ainda têm interesse na construção de armas nucleares para se fortalecerem política e militarmente. A bomba atômica voltou a ser notícia no mundo inteiro, após o

7

Link do vídeo com a música “Rosa de Hiroshima”: <https://www.youtube.com/watch?v=9YJaaVAQ5IE>

Presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, anunciar, no dia 23 de junho de 2009, novos testes com mísseis capazes de atingir Israel e as bases americanas no Golfo Pérsico.⁸ Assim, diante desse atual contexto de enfrentamento, podemos sinalizar a infinitude da “estupidez humana”, que se colocou entre a visão científica do físico e a emoção do poeta.

Música, Língua Portuguesa, Ambientalismo e Filosofia

A composição “O que sobrou do céu”⁹, da banda carioca, “O Rappa”, apresenta possibilidades de reflexão acerca das consequências da ação do homem em relação ao meio ambiente, trabalhar o período da Modernidade e Pós-modernidade.

A partir do uso da língua, adequada ao contexto da música, desenvolver no estudante a capacidade de organizar o pensamento para seguir pistas deixadas pelo autor no texto que o levem a identificar a intencionalidade desse, como no exemplo que segue.

Faltou luz mas era dia
O sol invadiu a sala [o conhecimento acerca da realidade]
Fez da TV um espelho
Refletindo o que a gente esquecia [de refletir]

A expressão “o sol invadiu a sala” pressupõe uma alusão ao Mito da Caverna, também conhecido como “Alegoria da Caverna”, uma passagem do livro *A República* (século IV a.C.), do filósofo grego Platão, um diálogo entre Sócrates e Glauco.

O verbo no gerúndio, “refletindo”, é utilizado no sentido literal ou conotativo para se referir às imagens da poluição ambiental que nos chegam através da tela da TV, “um espelho”. Porém, a expressão que se segue: “o que a gente esquecia”, dá à palavra implícita “refletir” outra acepção, a de reflexão acerca da ação humana em relação à Natureza.

O mito da caverna fala sobre prisioneiros que vivem desde o nascimento presos em correntes numa caverna e que passam todo tempo olhando para a parede do fundo, que é iluminada pela luz gerada por uma fogueira, sem ver a luz do sol. Nesta parede são projetadas sombras de estátuas representando pessoas, animais, plantas e objetos, mostrando cenas e situações do dia-a-dia. Se na caverna os prisioneiros viam a representação da realidade através

8

‘Einstein e a bomba atômica’. www.cursinhomorenao.com.br

9

Link do vídeo com a música “O que sobrou do céu”: <http://youtu.be/vQBH2DGMaEg>

das sombras refletidas na parede, nós, após séculos, continuamos a reproduzir o mesmo comportamento diante da TV.

O Rappa chama a nossa atenção para o fato de que o homem não se deu conta durante muito tempo de que o progresso com foco na exploração da Natureza provocou inúmeros problemas ambientais. O momento da tomada de consciência se dá diante das imagens transmitidas pela TV. Com a expressão “faltou luz”, o autor não se refere à luz do sol, mas ao sentimento de desorientação diante do caos vivido com os problemas ambientais: “o que fazer? “faltou luz”.

Através da metáfora do mito da caverna é possível conhecer uma importante teoria platônica: como, através do conhecimento, pode-se captar a existência do mundo sensível (conhecido através dos sentidos) e do mundo inteligível (conhecido somente através da razão). “O sol”, ou o conhecimento, é, no caso, entendido como a informação que nos chega através de um meio de comunicação de massa, a televisão, que “invadiu a sala, fez da TV um espelho refletindo o que a gente esquecia” [de refletir].

O som das crianças brincando nas ruas
Como se fosse um quintal
A cerveja gelada na esquina
Como se espantasse o mal
Um chá pra curar essa azia
Todas as ciências de baixa tecnologia

O Rappa segue enfatizando os inúmeros problemas na vida humana em função da degradação ambiental, como os exemplos registrados na letra da música: as crianças que vivem no espaço urbano não têm contato com a Natureza. De um modo geral, as pessoas sofrem com problemas em função da ingestão de alimentos industrializados, como é o caso da cerveja, sanduiches, enlatados, etc, e como esse processo polui o meio ambiente. No caso do nosso país, que não está tão desenvolvido tecnologicamente, sofremos muito mais com a emissão de gases poluentes pelas fábricas e indústrias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa relatada, foi possível localizar o encontro de diferentes dimensões, desde a experiência individual de cada “ouvinte” com as possibilidades de diálogo e de vivência

coletiva, até os aprendizados da história de vida de cada um dos compositores com os desafios do Ensino Superior contemporâneo, com foco na necessidade de se buscar meios para a prática da interdisciplinaridade. Letras e Artes parecem ser as áreas mais propícias ao desenvolvimento da abordagem interdisciplinar, por serem formas de linguagem, formas de comunicação e de expressão, mas a indicação interdisciplinar não se restringe a essas áreas, se abre para todas as outras, como uma contribuição para uma nova postura metodológica com foco na formação de profissionais de todas as áreas. Assim sendo, pode-se afirmar que a música é um grande recurso para a Educação, uma possibilidade de inovar o estudo da linguagem, despertar o interesse no docente/discente para a pesquisa demonstrando interesse pela sua preferência musical, promovendo a experiência da troca, de apreciação comentada e de análise comparada daquilo que ouvem, tendo em vista ampliar a percepção do mundo, aperfeiçoar as possibilidades de comunicação, formar o leitor competente, bem como desenvolver competências e habilidades, constituindo assim uma via de acesso à aprendizagem de forma ampla. Vimos com a exposição desta pesquisa que é possível praticar a interdisciplinaridade utilizando textos musicais, além da vantagem de promover um ambiente de aprendizado mais agradável no universo acadêmico.

REFERÊNCIAS

BORDENAVE, Juan E. Diaz. *Além dos meios e mensagens: Introdução a Comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência*. 3. ed Petrópolis: Vozes, 1983.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

GUARESCHI, Pedrinho A. *Comunicação e controle social*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

HUSSERL, Edmundo. *Investigaciones Lógicas*. Trad. de Manuel Garcia Morente e José Gaos. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

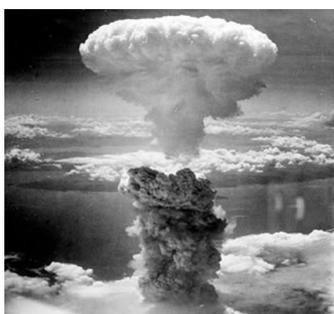
MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco M; SILVA, Juremir Machado da (Orgs). *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

MORIN, Edgard. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2001.

RIBEIRO, Jayme. OS “FILHOS DA BOMBA”: memória e história entre os relatos de sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki e a “Campanha pela Proibição das Bombas Atômicas” no Brasil (1950). Revista “Outros Tempos” Volume 6, número 7, julho de 2009 - Dossiê História e Memória. Disponível em: <http://www.outrostempos.uema.br/vol.6.7.pdf>. Acesso > 10/04/2015.

ZILLES, Urbano. Fenomenologia e Teoria do Conhecimento em Husserl. Revista da Abordagem Gestáltica – XIII(2): 216-221, jul-dez, 2007. Acesso > 17/11/2014.

ANEXOS



Rosa de Hiroshima
Vinicius de Moraes

Mas nunca se esqueça
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroshima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada



Imagine
John Lennon

Imagine there's no countries
It isn't hard to do
Nothing to kill or die for
And no religion too
Imagine all the people
Living life in peace
You may say, I'm a dreamer
But I'm not the only one
I hope some day you'll join us
And the world will be as one